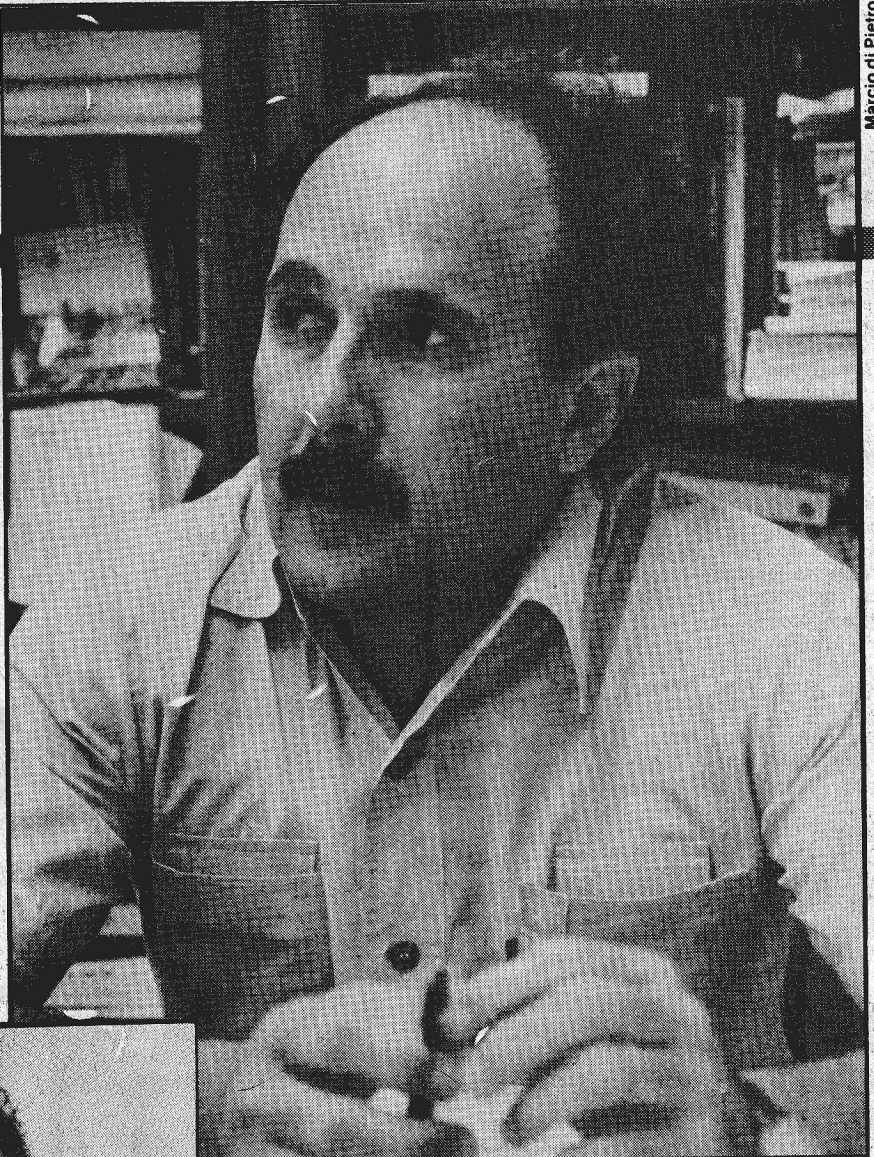


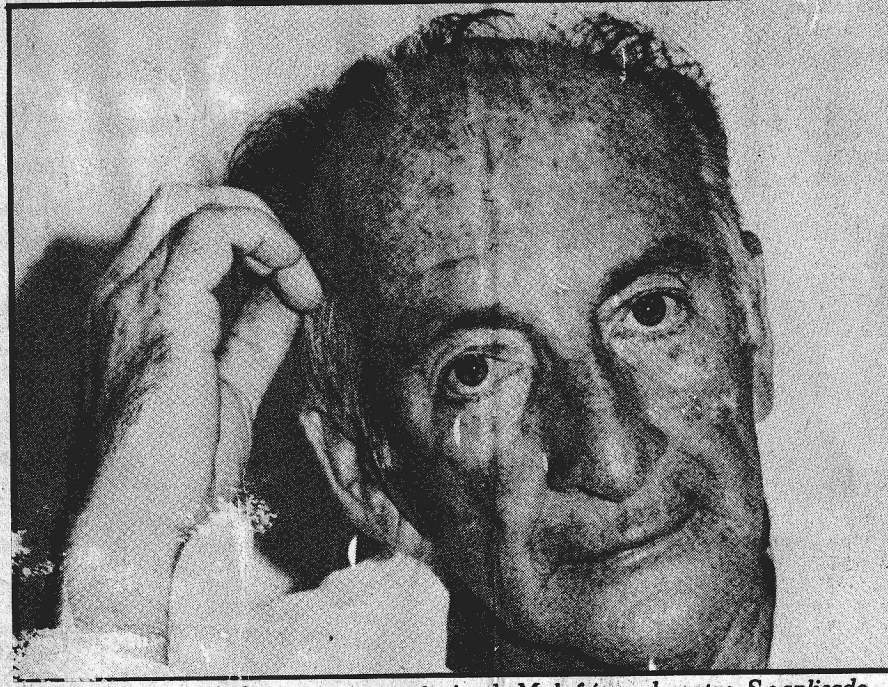
SUCCESSÃO, CRISE E DEMOCRACIA



Marcio di Pietro

Cristóvam Buarque está preparando um programa de alimentação para o governo de Tancredo Neves.

Faltando apenas 72 dias para que o Colégio Eleitoral se reúna e escolha o sucessor do presidente João Figueiredo, o professor Lauro Campos, do Departamento de Economia da UnB — Universidade de Brasília —, alerta para um fato até agora pouco debatido: é preciso que as forças que estão apoiando o candidato da Aliança Democrática se mobilizem de tal forma que garantam a posse de Tancredo Neves, a 15 de março de 85. E outro professor da UnB, Cristóvam Buarque — também do Departamento de Economia — já prepara inclusive um programa de alimentação popular para ser utilizado pelo governo da Aliança Democrática. Aqui, Cristóvam Buarque e Lauro Campos questionam a crise econômica, a dívida externa que já dura mais de 200 anos e o quadro político atual, juntamente com as crises que sempre marcaram os momentos de transição de governo e reafirmam que a vocação do Brasil é a democracia.



Lauro Campos: "O programa econômico do Maluf é um desastre. Se aplicado, aprofundará a crise econômica brasileira".

O futuro presidente da República não terá condições de resolver o problema da crise econômica brasileira, segundo a opinião do professor Cristóvam Buarque. "A solução da crise — diz — passa primeiro pela modificação da estrutura de poder. E somente um partido político que tenha uma proposta de estrutura social diferente, chegando ao poder, pode promover transformações como esta".

Para que isto ocorra, entretanto, o professor reconhece que este partido teria que ficar no poder pelo menos duas décadas. Mas ele reconhece ainda que, "a grande discussão política do momento, é esta: ou todas as forças progressistas deste país se aliam a Tancredo Neves, ou essas forças beneficiarão, pela omissão, o candidato do PDS, deputado Paulo Maluf".

— Para que aconteça uma transformação na crise econômica, é preciso mudar a estrutura política do País. Tem que haver uma modificação na estrutura socioeconômica do País, não apenas uma mudança do regime, e uma modificação que nos leve a optar por outro modelo social que não seja o capitalismo.

O professor Buarque citou vários exemplos ocorridos na História da América Latina, para justificar a tese segundo a qual as forças progressistas têm que se aliar ao candidato da Aliança Democrática. "Nenhum regime fascista permitiu a organização dos partidos políticos, tampouco a liberdade de ação. Nenhuma ditadura fascista latino-americana permitiu isso, a concluir pelos exemplos de Cuba, onde os guerrilheiros — e não um partido político — tomaram o poder".

— Eu, pessoalmente, não acredito que isto vá se repetir no Brasil. Também na Nicarágua, não

foi um partido que derrubou o ditador Anastasio Somoza, e sim uma luta guerrilheira que levou 40 anos para tomar o poder. Desta forma, eu só acredito numa alternativa política para o Brasil: a criação de partidos políticos de massa, revolucionários. E isto só é possível dentro de um regime democrático.

Buarque reconhece, por outro lado, que no atual momento político brasileiro a democracia torna-se impossível "devido ao grau de exploração a que chegamos, das classes dominantes sobre os trabalhadores. Para que haja democracia, é necessário um mínimo de mudança na estrutura de distribuição da renda".

Isto pode ser feito através de uma política salarial justa, de distribuição de terras etc. E para que isto seja possível, é necessária a retomada do crescimento econômico, a nível de cada empresa, além da renegociação da dívida externa. Caso a Aliança Democrática, no poder, consiga resolver essas questões, mais o problema atual da escassez de alimentos existente no País, o Brasil terá dado um passo importante em direção à Democracia — e ao desenvolvimento econômico.

"Com Tancredo no poder, os reajustes salariais serão equivalentes ao INPC"

O professor disse ainda que não vê outra alternativa política para o

Brasil, nos próximos meses. "fora das opções Tancredo e Maluf. E apenas a Aliança Democrática, a meu ver, terá condições de manter no Brasil um regime democrático burguês-parlamentar, de promover um mínimo de desafio no setor da produção de alimentos, e de renegociar a dívida externa".

— Maluf assumindo o governo, ao contrário, vai promover um grande estrago na atual estrutura política deste País. Maluf no poder vai esfalçar as poucas conquistas sociais conseguidas nos últimos anos, afirmou.

Com uma possível vitória da Aliança Democrática em 15 de janeiro, o professor Cristóvam Buarque acredita que muita coisa positiva poderá acontecer. "Há, por exemplo, uma possibilidade de todos os partidos políticos ilegais serem legalizados. Há também a possibilidade de uma política salarial com reajustes pelo menos equivalentes aos índices do INPC — Índice Nacional de Preços ao Consumidor".

— E há ainda a possibilidade de organização sindical livre, isto há. E com Maluf, quem me garante que essas transformações serão realizadas? Indagou.

"No entanto — acrescentou — um governo de Paulo Maluf seria a continuidade total do regime que está aí, com o que ele tem de mais espúrio: a manutenção dos serviços de informação do jeito que eles se encontram; todas as submissões ao FMI — Fundo Monetário Internacional etc".

Quanto ao caráter ideológico dos candidatos, o professor Cristóvam Buarque garante que Maluf e Tancredo "são dois homens de direita. Isto é uma prova de quanto a reação é muito forte no Brasil: temos dois candidatos direitistas disputando a presidência da República".

— A realidade é que a reação é tão forte que o PT — Partido dos Trabalhadores — é o único partido de esquerda, dos legais, que não tem um candidato e está dividido neste momento. A direita nunca foi tão forte neste País como agora. Quando alguém chama um burguês de burguês, não o está agredindo, não. Está apenas fazendo um elogio.

"Maluf no poder será o esfalçamento de de todas as conquistas populares"

Em seguida, Buarque citou o exemplo do ex-governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que "foi aplaudido por mais de 400 mil pessoas no início das diretas em Goiânia. Magalhães foi aplaudido pelo povo, pelo fato de ter aderido à Aliança Democrática. Agora, eu pergunto: eu vou ficar com raiva do fato do povo ter aplaudido o ex-governador baiano? Não. Eu vou trabalhar para que, da próxima vez, o povo brasileiro vá eleger Antônio Carlos Magalhães".

— Agora — acrescentou — a grande luta brasileira, a meu ver, vai começar a partir de 15 de mar-

ço. E eu continuo acreditando que enquanto houver espaço para a gente trabalhar, vamos trabalhar. Neste espaço, pouco me interessa quem está aí: se Maluf ou se Tancredo. O que me interessa, isto sim, é saber quais as forças que estão por trás de Tancredo ou de Maluf. Essas forças é que são importantes.

O professor Cristóvam Buarque disse ainda que as forças que estão por trás de Tancredo "são muito claras. Lá existe isso, aquilo e mais aquilo. Agora, as forças que estão por trás de Maluf, são mais claras ainda. E eu sei quem são essas forças. Não basta apenas ser oposição para transformar a sociedade".

— Ninguém — disse — transforma a sociedade a partir da oposição. Transforma-se a sociedade a partir da coragem e a capacidade política de assumir o governo. E eu inclusive resolvi dar a minha contribuição modesta a esse processo de transição política: estou elaborando um programa de alimentação para tentar ganhar um espaço no governo Tancredo Neves.

Diante da pergunta, sobre se o programa é revolucionário, disse o professor:

— É revolucionária por duas razões. Primeiro porque é um programa humanístico. E por ser humanista, é revolucionário. Segundo, ninguém é político esfomeado. Quem vota no PDS no Nordeste? O povo esfomeado, porque o povo bem alimentado, politizado, não vota no PDS. Desta forma, quero que todo mundo seja bem alimentado neste País. A grande verdade é que ninguém organiza esfomeado.

Concluindo, o professor Cristóvam Buarque declarou que a primeira medida revolucionária "é dar alimento para o povo. Segundo, é organizar o povo para que ele descubra que o governo da Aliança Democrática não é o governo deles, nunca vai ser um governo revolucionário, de trabalhador, mas será um governo, sem a menor dúvida, preferível sobre todos os aspectos a um governo do deputado Paulo Maluf".

O professor Lauro Campos, ao contrário do seu colega Cristóvam Buarque, não está preparando um programa de alimentação para o possível governo da Aliança Democrática, que ele quer como o grande vencedor no Colégio Eleitoral a 15 de janeiro. "Se eu tivesse voto no Colégio, seria de Tancredo Neves. Mas logo em seguida eu passaria para a oposição", diz ele.

Por quê? Campos prefere dar a resposta demorada. Primeiro, diz, ele não quer "se manter na posição cômoda que os economistas brasileiros vêm mantendo diante da crise. Durante muito tempo, esses economistas a quem eu estou me referindo negaram a existência da crise econômica. «E diziam que a crise era uma crise política»".

— Foi a chamada época do milagre econômico e os economistas apregoavam pelos quatro cantos da Nação que nós vivíamos num País de progresso, de tranquilidade, e que a crise era apenas invenção de alguns descontentes com o modelo político nacional. Mas depois de passada esta fase de encantamento, a crise passou a existir, porque a realidade crítica acabou subindo até o levanta o governo.

E diante da crise — acrescenta Lauro Campos — o modelo bra-

silário de governo implantado a partir de 1964 "engendrou a chamada abertura política. Foi quando o sistema descobriu que a sua única fonte de legitimação do poder, o milagre econômico, havia se esvaído".

"Inventaram a abertura política depois que o milagre econômico faliu"

— Então, o governo teve que dividir a responsabilidade da depressão econômica, com os Estados, os Municípios, o Legislativo, o Judiciário, com os sindicatos, etc., — promoveu a abertura política. E com os próprios partidos políticos que o governo pós-64 engendrou. A abertura política no Brasil foi uma estratégia dos detentores do poder para continuarem nele, declarou.

Lauro Campos acrescentou que «cabe a nós — que lutamos por um Brasil diferente do atual — criarmos uma estratégia popular de abertura política. Mais uma vez, as coisas neste País foram feitas de cima para baixo, como foi o caso da abertura. Cabe-nos agora inverter e utilizarmos esta estratégia, a fim de transformarmos esta abertura em algo importante, de interesse real para toda a população.

Somente assim — disse Lauro Campos — nós poderemos construir uma ponte do Brasil de hoje com o Brasil socialista que queremos no futuro. E me parece, neste sentido, que nós não temos partidos políticos. Os partidos, como tudo o mais, estão partidos, cindidos, divididos, em crise. «Agora, nós estamos diante de uma situação em que dois candidatos, bastante conservadores, estão disputando a presidência da República».

"O povo é a única fonte legítima de poder. Por isso eles negaram as diretas"

E Lauro Campos voltou a concentrar sua crítica sobre os economistas que «neste instante, depois do final do milagre econômico, mudaram o discurso e agora afirmam que a crise não é econômica, e sim que a crise é política. Na verdade, porém, a crise brasileira continua sendo uma crise econômica, além de ser uma crise política».

Ele garantiu que um dos integrantes da Frente Liberal, o deputado Israel Pinheiro Filho, afirmou um dia desses pela televisão que a Aliança Democrática tá promovendo comícios no País inteiro para que depois de eleito o candidato Tancredo Neves «possa cobrar do povo os sacrifícios que o Brasil vai exigir».

Lauro Campos disse estranhar as declarações do deputado mineiro e foi enfático: o pacto social que a Aliança Democrática está realizando "é um pacto conservador. Do contrário, nenhum integrante da Frente ou da Aliança estaria hoje falando em sacrifícios do povo, porque o povo brasileiro está muito sacrificado. Há 20 anos".

— O sistema — disse ele — sabe que a única fonte de legitimação de qualquer poder no Brasil, hoje, é o povo. E foi por isto que o governo derrotou no Congresso as eleições diretas, porque o povo iria eleger o sucessor de Figueiredo. E somente o povo, no Brasil hoje, tem condições de promover uma reformulação econômica, social e política.

Sobre a possível vitória de Tancredo no Colégio Eleitoral, o professor Campos levantou uma discussão nova: Tancredo Neves, eleito presidente através do Colégio Eleitoral, tomará posse? «Jânio Quadros foi eleito acreditando na força do voto. Mas sete meses depois, as chamadas «forças ocultas» viraram forças reais e o tiraram do poder».

— O mesmo ocorreu com Juscelino Kubistchek, que teve uma posse tumultuada e enfrentou inclusive dois movimentos armados, duas tentativas de deposição armada. Depois, João Goulart — vice-presidente de Jânio Quadros — assumiu o poder mas foi golpeado. Então, isto prova que o processo sucessório brasileiro sempre foi tumultuado.

O que se coloca agora, diz Lauro Campos, é esta questão: as forças que apoiam Tancredo Neves terão condições de lhe permitir a posse a 15 de março de 85? Ou surgirá um novo Carlos Lacerda para liderar uma campanha de desestabilização do governo da Aliança Democrática?

"O programa econômico de Maluf é demagógico para um país em crise"

O professor Lauro Campos assegurou ainda que Tancredo «não conseguirá resolver a crise econômica brasileira porque viverá a mesma experiência do atual presidente da França, François Mitterrand, que é a experiência de administrar a crise capitalista. E tentará salvar, para o capital, a crise capitalista».

— No meu modo de ver — acrescentou — o papel das esquerdas não deve ser o de salvar a economia capitalista para o capital, porque esta seria uma postura de traição para com os trabalhadores, para com o povo em geral. Se o capital está em crise e se os partidos políticos estão cindidos, tanto pior para o capitalismo.

Voltando às críticas ao candidato do PDS, o professor Lauro Campos garantiu que «Maluf não sabe o que diz, nem tão pouco tem experiência de crise. A prova é o seu programa de governo, que ele chama de desenvolvimentista, é um programa falso, irreal e que, se aplicado, servirá apenas para aprofundar ainda mais a crise econômica brasileira».

Diante do quadro político em que nos encontramos hoje, com a sucessão presidencial, não nos resta outra alternativa senão apoiar o candidato da Aliança Democrática. Mas não podemos alimentar a ilusão, por outro lado, de que os problemas econômicos brasileiros vão desaparecer com Tancredo Neves, finalizou Lauro Campos.

Lauro Campos, entretanto, espera que «as Forças Armadas estejam atentas para que fatos como os citados não venham a se repetir, com a eleição de Tancredo Neves. Mesmo porque no atual quadro político em que nos encontramos não existe outra opção senão apoiar Tancredo. A outra opção é Maluf e Maluf representa fascismo e a continuidade desse atual regime. O fascismo é a forma política de poder do capitalismo em crise, desde 1929, quando registrou-se a primeira grande crise do capitalismo».

Com o deputado Paulo Maluf no poder — acredita o professor Lauro Campos — «teremos inclusive um aprofundamento maior da crise econômica. O programa econômico do deputado Paulo Maluf é uma demagogia sem limites. Com Maluf, aumentaremos o nosso índice de desemprego, de mortalidade infantil e teremos ainda uma alta ainda maior do custo de vida e uma submissão sem limite ao FMI».

Menezes de Moraes

Dívida externa: pagando hoje, empréstimo da Independência

Há 200 anos o Brasil convive com a sua dívida externa. E nunca deu um "calote", ao contrário das chamadas grandes potências, como os Estados Unidos, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a China, que já deram "calotes" em seus credores. É por isto que muita gente hoje, inclusive o professor Lauro Campos, defende a tese do não-pagamento da dívida externa brasileira.

Mas outro fato curioso com relação à dívida externa é que o Brasil é uma nação que já nasceu sob o signo da dívida: para que a Coroa reconhecesse a independência, D. Pedro I teve que arcar com os compromissos de pagamento de um empréstimo contraído junto aos ingleses.

Assim, a independência brasileira teve um preço: pagar uma dívida que foi contraída — ironia — para financiar justamente a reação armada contra o 7 de Setembro. Desta forma, o historiador Valentim Bouças, em seu livro já clássico "A História da

Dívida Externa Brasileira, afirma que a dívida está intimamente ligada à estrutura social do País.

Quando era ministro da Fazenda do primeiro governo republicano, Rui Barbosa já pedia "sacrifícios" à população para que o País pudesse alcançar o equilíbrio da sua balança de câmbio e o equilíbrio da sua balança de pagamentos. Hoje, também é comum ouvir-se falar em "sacrifícios", porque a dívida, ao invés de acabar, aumenta todos os dias. Em 1963, por exemplo, era de Cr\$ 3,118 milhões. Hoje, é superior a US\$ 100 bilhões.

Desta forma, cada um dos 130 milhões (oficiais) de brasileiros deve milhões dessa dívida, ao qual o uma parcela dessa dívida, ao qual o Brasil já suspendeu o seu pagamento, em 1931, pelo período de três anos. Foi a nossa chamada "moratória", noticiada pelos principais jornais do mundo. Naquela época, o Brasil devia apenas 500 milhões de dólares.

E hoje, numa fase de transição política, qual será o futuro da dívida externa brasileira? Aliás, quem contraiu essa dívida mesmo? (M.M)